

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS – *CAMPUS* OURO PRETO
TECNÓLOGO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Flávia Luisa Junqueira

**ARQUITETURA RURAL EM OURO PRETO:
O caso da Fazenda Bandeirinha**

Ouro Preto
2021

FLÁVIA LUISA JUNQUEIRA

ARQUITETURA RURAL EM OURO PRETO:

O caso da Fazenda Bandeirinha

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Técnico de Conservação e Restauro do Instituto Federal de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto para obtenção do grau de Tecnólogo em Conservação e Restauro.

Professor Orientador: Rodrigo Otávio de Marco Meniconi

Ouro Preto

2021

J95a

Junqueira, Flávia Luisa.

Arquitetura rural em Ouro Preto: o caso da Fazenda Bandeirinha. [Manuscrito] / Flávia Luisa
Junqueira. Ouro Preto, 2021.

42.fl. il.

Orientador: Rodrigo Otávio de Marco Meniconi.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Conservação e Restauro) – Instituto Federal Minas
Gerais, *Campus* Ouro Preto.

1. Arquitetura rural. 2. Descaracterização. 3. Glaura. I. Meniconi, Rodrigo Otávio de Marco. II.
Título. III. Instituto Federal de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto.

CDU 728.1(815.1)

Flávia Luisa Junqueira

ARQUITETURA RURAL EM OURO PRETO:

O caso da Fazenda Bandeirinha

Trabalho de conclusão de curso submetido à banca examinadora designada pela Diretoria de Pesquisa, Graduação e Pós-graduação do Instituto Federal de Minas Gerais – *Campus* Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Conservação e Restauro.

Aprovado em 12 de Julho de 2021 pela banca examinadora:



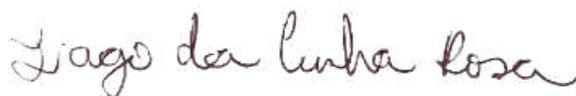
Prof. Me. Rodrigo Otávio de Marco Meniconi (Orientador)

IFMG – Campus Ouro Preto



Prof. Dra. Maria Cristina Rocha Simão

IFMG – Campus Ouro Preto



Prof. Tiago da Cunha Rosa

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pais e irmãos, por serem minha base em todos momentos da vida, sempre comigo nas minhas escolhas. Aos meus sobrinhos, sempre presentes e proporcionando momentos singulares.

À família Soares, Carminha, que me abriu as portas de sua casa e proporcionou a realização deste trabalho, em especial a Bárbara Maria, amiga de longa data.

Ao meu orientador, Professor Rodrigo Otávio de Marco Meniconi, pela paciência e constante incentivo compartilhando o seu conhecimento, aos demais professores do curso por essenciais momentos de aprendizado. Ao Ney Nolasco e Ana Paula Morais, orientadores da Oficina de Restauro, obrigada pela oportunidade.

Aos amigos que o Restauro trouxe e toda turma 2017, sem vocês esse período não seria o mesmo. Em especial a Aline Silva e Antonio Marcos, queridos companheiros de levantamentos e bons amigos de perrengues. À Junia Mendes, grande amiga, ex-aluna, sempre entendendo e partilhando dos momentos difíceis.

Ao Wesley Daniel, pequeno grande amigo, incentivador que topa todas as aventuras.

“A maioria de nós prefere olhar para fora e não
para dentro de si mesmo”

Albert Einstein

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade a descrição e caracterização da sede da Fazenda Bandeirinha, a edificação vem sofrendo com os processos de degradação em decorrência do tempo de uso e descaracterização de sua volumetria. Foram realizadas pesquisas a fim de reunir informações sobre a fazenda e edificações de mesma tipologia no distrito e levantamento de campo das características físicas. Sobre sedes de fazenda com dois pavimentos este parece ser um dos únicos exemplares remanescentes. O caso merece cuidados pois é uma constante a descaracterização de residências centenárias pelo interior de todo estado.

Palavras-chave: Arquitetura rural - Descaracterização - Glaura

ABSTRACT

The purpose of this work is to describe and characterize the headquarters of Fazenda Bandeirinha, the building has been suffering from degradation processes due to the time of use and the mischaracterization of its volumetry. Research was carried out in order to gather information about the farm and buildings of the same type in the district and a field survey of the physical characteristics. On two-story farmhouses, this seems to be one of the only remaining examples. The case deserves attention because it is a constant mischaracterization of century-old residences throughout the state.

Keywords: Rural architecture - Decharacterization - Glaura

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Sede da Fazenda Bandeirinha
- Figura 2 - Casa no antigo sítio da família Junqueira
- Figura 3 - Casa no antigo sítio da família Junqueira
- Figura 4 - Vista panorâmica da cidade de Ouro Preto
- Figura 5 - Mapa do município, divisão por distritos
- Figura 6 - Igreja Matriz de Santo Antônio, Glaura
- Figura 7 - Rua do distrito de Glaura
- Figura 8 - Rua do distrito de Glaura
- Figura 9 - Totem da Estrada Real
- Figura 10 - Vasta área verde
- Figura 11 - Comunidade Bandeirinha, vista parcial
- Figura 12 - Rua da comunidade de Bandeirinha
- Figura 13 - Rua da comunidade de Bandeirinha
- Figura 14 - Fachada fronteira obedecendo ao padrão de varanda frontal e capela lateral, Fazenda Boa Vista, Município de Belo Vale
- Figura 15 - Fachada frontal da sede de dois pavimentos e escadaria de pedra, Fazenda dos Martins, Município de Brumadinho
- Figura 16 - Sede da Fazenda Ana de Sá
- Figura 17 - Conjunto das ruínas da Fazenda Braço Livre
- Figura 18 - Antiga residência da família Ferreira
- Figura 19 - Casarão na rua Manoel dos Santos Nazaré em Glaura
- Figura 20 - Sede da Fazenda Bandeirinha
- Figura 21 - Quadro da família Soares
- Figura 22 - Muros de pedras próximo ao casarão.
- Figura 23 - Muros de pedras próximo ao casarão.
- Figura 24 - Complexo da fazenda com paiol, galinheiro e casa principal.
- Figura 25 - Estrutura do telhado
- Figura 26 - Cachorros no beiral da varanda
- Figura 27 - Escadaria frontal
- Figura 28 - Escadaria frontal
- Figura 29 - Capela
- Figura 30 - Parede de pau a pique
- Figura 31 - Parede de tijolo maciço
- Figura 32 - Paredes de pedra no porão
- Figura 33 - Piso de tábuas
- Figura 34 - Estrutura do piso de tábuas
- Figura 35 - Piso de cimento queimado na cozinha
- Figura 36 - Piso de cerâmica no quarto cinco
- Figura 37 - Forro de taquara no quarto três
- Figura 38 - Forro de pinus no quarto dois
- Figura 39 - Janela de madeira
- Figura 40 - Porta de madeira
- Figura 41 - Janela quarto cinco
- Figura 42 - Galpão anexo ao lado direito da casa
- Figura 43 - Estrutura de concreto
- Figura 44 - Torre da caixa d'água
- Figura 45 - Piso tabuado com sinais de ataque de xilófagos e manchas

Figura 46 - Piso tabuado com sinais de ataque de xilófagos e manchas
Figura 47 - Piso tabuado com sinais de ataque de xilófagos e manchas
Figura 48 - Madeiramento do telhado com avarias
Figura 49 - Madeiramento do telhado com avarias
Figura 50 - Patologias nas paredes de pau a pique
Figura 51 - Patologias nas paredes de pau a pique
Figura 52 - Patologias nas paredes de pau a pique
Figura 53 - Uso de argamassa de cimento em alvenaria de pau a pique
Figura 54 - Trinca na parede e pau a pique
Figura 55 - Trinca na parede e pau a pique
Figura 56 - Perda do revestimento na parte externa da alvenaria de pedra.
Figura 57 - Perda do revestimento na parte externa da alvenaria de pedra.
Figura 58 - Forro de taquara abaulado e com sinais de apodrecimento
Figura 59 - Forro de taquara abaulado e com sinais de apodrecimento
Figura 60 - Forro de taquara com avarias
Figura 61 - Patologias na camada pictórica da parede
Figura 62 - Patologias na camada pictórica da parede
Figura 63 - Patologias na camada pictórica da parede
Figura 64 - Esquadria de madeira
Figura 65 - Esquadria de madeira
Figura 66 - Esquadria de madeira
Figura 67 - Esquadria de madeira
Figura 68 - Desgaste do piso de cimento queimado
Figura 69 - Desgaste do piso de cimento queimado
Figura 70 - Manchas de escurimento
Figura 71 - Manchas de escurimento
Figura 72 - Fachada lateral direita
Figura 73 - Fachada lateral esquerda
Figura 74 - Fachada posterior

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	11
2 - LEVANTAMENTO CONTEXTUAL: PANORAMA GERAL	13
2.1 - Levantamento histórico	13
2.1.1 - Breve histórico do município de Ouro Preto	13
2.1.2 - Breve histórico e caracterização dos distritos: Cachoeira do Campo e seu entorno	14
2.2 - Caracterização geográfica, os arranjos espaciais das localidades	16
2.3 - Caracterização tipológica da arquitetura das fazendas mineiras	18
3 - A FAZENDA BANDEIRINHA	22
3.1 - Breve histórico	22
3.2 - Descrição e análise	24
3.2.1 - Alterações mais significativas da edificação	28
3.3 - Levantamento arquitetônico	29
3.4 - Relatório do estado de conservação	36
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo descrever e caracterizar a edificação que abrigava a sede de uma antiga fazenda (Figura 1), bem como os processos de degradação e descaracterização em curso atualmente. Situada na comunidade rural da Bandeirinha, no distrito de Glaura, em Ouro Preto, Minas Gerais, em importante via de acesso entre Glaura e São Bartolomeu, quem por lá trafega logo avista o sobrado, que se destaca na paisagem do povoado devido tanto ao seu porte quanto às suas características formais e construtivas, uma vez que se trata do único exemplar remanescente do século XIX¹, a certo ponto é uma edificação simples e isolada.

Figura 1 - Sede da Fazenda Bandeirinha



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Para justificar a escolha do tema, apresento as figuras 2 e 3, as casas onde passei a infância e minha família residiu por longas décadas. Primeiro a casa no sítio que foi de meu avô e depois do meu pai, podemos constatar que a edificação, infelizmente demolida, ainda empregava os mesmos materiais, as mesmas técnicas construtivas e as mesmas soluções volumétricas e compositivas das residências do período colonial, o que lhe conferia relevantes valores documentais e estéticos, além de sua importância como elemento constituinte da memória familiar e comunitária. A casa que já apresentava algumas patologias foi demolida para que outra maior fosse construída no mesmo espaço. A segunda casa herdou alguns dos materiais construtivos da demolição, mas não seguiu a planta, na época nem se cogitou a hipótese de restaurar, foi dito mais prático fazer uma nova. Atualmente o sítio não pertence mais à família e possui uma outra configuração.

¹ Sem documentação comprobatória de suas origens, pesquisas indicam que seja esta a datação do imóvel.

Figuras 2 e 3 - Casas no antigo sítio da família Junqueira



Primeira foto data da década de 80, a segunda foto meados de 2000.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, Flávia Luisa Junqueira.

Da mesma forma como ocorreu na casa retratada, vemos o mesmo processo em andamento na casa da família Soares e em diversas propriedades rurais situadas em localidades afastadas e pouco conhecidas, aonde residências particulares sofrem, ao lado dos inevitáveis processos de degradação aportados pela passagem do tempo, com as modificações feitas inadvertidamente pelos proprietários. Inclusive em pesquisas para este trabalho, foi grande a dificuldade em encontrar exemplos para comparação. Os motivos das mudanças são variados, seja porque a família que cresce, a busca de um uso mais funcional, pela ideia de modernidade, falta de dinheiro para conservar ou excesso dele, a propriedade é vendida ou adquire um novo uso, e assim cada vez mais tende a se tornar escassos esse modelo de construção.

Choay (2011) aponta:

As relações diferentes que mantêm entre si, respectivamente, os monumentos e os monumentos históricos com o tempo, a memória e o saber, determinam diferença maior quanto à sua conservação. Aparentemente, essa noção é consubstancial aos dois. Contudo, os *monumentos*, são de modo permanente, expostos às afrontas do tempo vivido. O esquecimento, o desapego, a falta de uso faz que sejam deixados de lado e abandonados. A destruição deliberada e combinada também os ameaça, inspirada seja pela vontade de destruir, seja, ao contrário, pelo desejo de escapar à ação do tempo ou pelo anseio de aperfeiçoamento. (CHOAY, p. 26)

Sobre edificações análogas que porventura existiram nas proximidades e agregariam valor ao casarão, não foram encontrados registros escritos, por serem pequenos sítios ou fazendas afastadas apenas se conhecem histórias orais.

Ivo Porto de Menezes (1969) constatou o fato de que falta um sistema que possa documentar e catalogar essas propriedades pouco conhecidas, certas “restaurações” e demolições causam a perda desse patrimônio e dificultam seu reconhecimento.

2 - LEVANTAMENTO CONTEXTUAL: PANORAMA GERAL

2.1 - Levantamento histórico

2.1.1 - Breve histórico do município de Ouro Preto

A antiga Vila Rica, ocupada no século XVII pelas investidas dos bandeirantes, teve seu auge em decorrência da mineração, passou por eventos históricos importantes como os decorrentes da Inconfidência Mineira (1789) e ainda hoje é reconhecida por seu acervo barroco, casario colonial e festejos tradicionais que são uma atração à parte.

Registros apontam a formação dos primeiros arraiais na região em 1698, contudo a vila foi criada oficialmente em 8 de Julho de 1711, pelo então governador Antônio Albuquerque Coelho de Carvalho, a cidade se formou entre os vales e morros (Figura 4), mais tarde tornou-se a Capital oficial da Capitania das Minas. (BOHRER, 2011)

Figura 4 - Vista panorâmica da cidade de Ouro Preto



Fonte: Antonio Marcos Pereira Sales, 2018.

O nome Ouro Preto é usado desde 1823 quando recebeu o título de cidade, nome este dado em decorrência das pepitas de ouro encontradas nos córregos que possuíam uma camada enegrecida em sua superfície.

Declarada como Monumento Mundial, o primeiro bem cultural do Brasil a possuir essa denominação, a cidade em 5 de Setembro de 1980 teve o Tombamento inscrito pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), em data anterior foi Tombada pelo SPHAN² (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) (1938) devido ao seu conjunto arquitetônico e urbanístico.

Ouro Preto como um típico município de Minas Gerais com características de cidades do interior, seu território composto de áreas majoritariamente rurais e pacatas

² Antiga denominação do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), órgão federal de proteção ao patrimônio nacional.

comunidades, é cercado por montanhas, tanto na sede como nos distritos³ (Figura 5), onde cada qual consegue resguardar suas diferentes peculiaridades. Em meio a essas montanhas a cidade cresceu, e se desenvolveu com economia pautada prioritariamente no turismo e na mineração.

Figura 5 - Mapa do município, divisão por distritos



Fonte: Disponível em

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Mestrado_em_Preservacao_Dissertacao_FERNANDES_Simone_Monteiro.pdf>, Acesso em Fev. de 2021.

2.1.2 - Breve histórico e caracterização dos distritos: Cachoeira do Campo e seu entorno

Nos primeiros anos de 1700 o povoado de Cachoeira situado nas proximidades de Vila Rica começou a se formar, quando da vasta exploração de ouro em Ribeirão do Carmo e Vila Rica, se abateu a fome pela falta de alimentos que eram raros e caros. Simultaneamente ao surgimento de Cachoeira do Campo veio também São Bartolomeu, Casa Branca, Rio de Pedras, Amarante, Leite e outros. (RAMOS, s.d.)

Nestas terras nunca houveram lavras auríferas, contudo, devido ao clima mais ameno, solo fértil e por fazer parte da rota comercial, o arraial desde o início do povoamento sempre funcionou como fornecedora de alimentos à província. Vasconcelos (1974) descreve a localização do arraial de Cachoeira

Assentado o arraial da Cachoeira numa colina, como nunca mais bela se descobriu, domina em cheio os arredores. As serras da cordilheira, formando um anfiteatro vastíssimo, deixaram entre campinas e vales, bosques e vergéis, o serrote sobre o qual o povoado se inclina a sol-posto, de modo que não haja mais apazível habitação nas Minas. Ao norte fica-lhe o Tijuco, ao sul ouro preto, a leste São Bartolomeu e a oeste Leite. (VASCONCELOS, p. 48.)

Ainda para Vasconcelos (1974):

Era Cachoeira do Campo um ponto estratégico por excelência e tal que o conde de assumar em seu tempo propôs, que nesse arraial se erigisse uma fortaleza para

³ O Município é formado por treze distritos, doze distritos mais o distrito sede.

dominar as três comarcas de Minas. Mais tarde propôs ainda que na cachoeira de estabelecesse a sede do governo da capitania. (VASCONCELOS, p. 47.)

A soma destes fatores levaram Cachoeira do Campo a ser o distrito que mais se desenvolveu, consolidando-se como local estratégico devido a localização centralizada, além de manter sua posição como polarizador entre distritos vizinhos e a sede. Consta no atual plano diretor do município (OURO PRETO, 2006, p. 4), “Parágrafo único - O distrito de Cachoeira do Campo deverá polarizar, de forma complementar, os distritos de Amarantina. Engenheiro Corrêa. Glaura. Miguel Burnier. Santo Antônio do Leite e São Bartolomeu.”

Para tanto, outro distrito importante no histórico da região foi Glaura que surgiu na mesma época que Cachoeira do Campo. Entre tantas denominações, já foi intitulada por Santo Antonio do Campo (Figura 6), Casa Branca, mas acredita-se que o nome primitivo fosse Santo Antonio da Garça Branca, onde diz a lenda que quando os primeiros bandeirantes chegaram na região avistaram garças sobrevoando o céu, nos primeiros anos de sua organização foi chamada de Casa Branca, data de 1727, desse modo ainda permanece entre seus moradores. (LEMOS, 1908)

Figura 6- Igreja Matriz de Santo Antônio, Glaura



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Conforme a Prefeitura de Ouro Preto (2008) os fundadores do povoado foram Balthazar de Godoy, Luiz de Figueiredo Leitão e Tomás Ferreira, sendo Tomás Ferreira o proprietário de uma fazenda na região do Rio das Velhas, onde havia a maior mina de ouro. Em 1749 o Bispo Dom Manoel da Cruz eleva o arraial à freguesia.

Estando em localização estratégica, ponto de divisão entre as comarcas de Vila Rica e São João Del Rei e caminho da estrada real, rotas para Bahia e Rio de Janeiro, a freguesia (Figuras 7 e 8) funcionava como importante via de comércio, por lá passavam viajantes, tropeiros e mascates, mas com a decadência do ouro nos anos finais do século XVIII, o comércio passou a ser o motor econômico do distrito, promovendo seu

desenvolvimento através da agricultura e da pecuária. (PREFEITURA DE OURO PRETO, 2008)

Figuras 7 e 8 - Ruas do distrito de Glaura



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Contíguo a essas estradas, o distrito se expandiu, afastado do centro possui ainda diversos povoados adjacentes, com sítios de produtores da agricultura familiar e fazendas de porte médio.

2.2 - Caracterização geográfica, os arranjos espaciais das localidades

A comunidade da Bandeirinha, local onde se localiza a fazenda de mesmo nome, pertence à Glaura, está entre os caminhos que fazem parte da Estrada Real (Figura 9) e, portanto, serve a muitos apenas de passagem. Sua localização é rota de passagem para transitar entre Glaura e São Bartolomeu e/ou São Bartolomeu e Cachoeira do Campo. Estando a Bandeirinha distante quase 28 km da cidade de Ouro Preto, à 7 km de Cachoeira do Campo e mesmo fazendo parte do distrito de Glaura se encontra à 5 km do centro, ademais a casa a ser estudada permanece afastada cerca de 700 metros da parte mais loteada do povoado.

Figura 9 - Totem da Estrada Real



Marcos que sinalizam as rotas da estrada real

Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2019.

Toda a comunidade rural da Bandeirinha está situada no topo de um morro (altitude média 1100m), de superfície majoritariamente plana onde ao horizonte são reveladas verdes montanhas (Figura 10), os ventos são constantes nos arredores tomando direção sudoeste. Dominado em parte por áreas de campo usado como pastagem, a vegetação remanescente de área de transição entre cerrado e mata atlântica, onde a vegetação ganha grande porte, pertencem a uma área de proteção ambiental, possuindo CAR (Cadastro Ambiental Rural)⁴. Por se tratar de um lugarejo em altitude mais elevada, o curso de água mais próximo, o Rio da Velhas e pequenos córregos ficam distantes mais de um quilômetro.

Figura 10 - Vasta área verde



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2019.

Localizado em espaço amplo (Figura 11), o povoado se formou por sítios de terrenos mais espaçados e outras casas em lotes menores. Nos últimos anos houve uma multiplicação no número de casas e lotes.

Figura 11 - Comunidade Bandeirinha, vista parcial



Em destaque edificação de estudo, ao leste se encontram a maioria das casas em Bandeirinha. Edição da autora.

Fonte: Google Maps, Disponível em:

<<https://www.google.com/maps/@-20.3231272,-43.6300181,405m/data=!3m1!1e3>>

Acesso em Ago. de 2019.

⁴ Registro obrigatório para imóveis rurais com o intuito de integrar as informações ambientais referentes às áreas de preservação permanente (APP), das áreas de reserva legal, das florestas e dos remanescentes de vegetação nativa, das áreas de uso restrito e das áreas consolidadas das propriedades e posses rurais do país.

Sobre a infraestrutura, por se tratar de área rural Bandeirinha (Figuras 12 e 13) não possui vias de calçamento ou tratamento de esgoto, em geral é feito o uso de cisternas e fossas, entretanto possui rede elétrica instalada e sistema de telefonia e internet móvel operante. Existe um pequeno ponto comercial (mercearia) e nenhum prédio público ou mobiliário urbano. É comum que a parte dos habitantes possua em seus lotes uma horta e criação de animais para a própria subsistência. Para buscar demais serviços básicos é comum se encaminharem para Cachoeira do Campo ou Ouro Preto.

Figuras 12 e 13- Ruas da comunidade de Bandeirinha



O arruamento permanece em terra batida, os lotes são amplos, na figura 12 ao centro se localiza a casa onde funciona a mercearia.

Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

No povoado, de propriedades vastas, as edificações possuem tipologias construtivas diversas, não há predominância de cores ou formas, uma característica comum é a repetição de casas na grande maioria térreas. Pouco se sabe sobre onde ou como seriam as construções primitivas, apenas uma mostra perdurar por mais de um século.

2.3 - Caracterização tipológica da arquitetura das fazendas mineiras

A arquitetura mineira é descendência da colonização portuguesa, segundo Carlos A. C. Lemos (2009)⁵

O português recém-chegado nas terras incultas de Minas, mal devassadas pelos paulistas e praticamente sem construções de algum significado, logo tratou de implantar nos arraiais em formação toda a cultura material de sua terra, ou melhor, de sua sociedade, ou melhor ainda, de suas “ilhas culturais”, que ele também as teve. [...] podemos afirmar que essas casas de fazenda mineiras do século XVIII e do início do século XIX não passam de retalhos da vida portuguesa trazidos diretamente pelos “aventureiros” que, aos milhares e em pouco tempo, se apossaram das terras auríferas descobertas pelos paulistas. (LEMOS, p. 8-9, in: CRUZ, 2010).

⁵ LEMOS, Carlos A. C. prefácio in: CRUZ, Cícero Ferraz. **Fazendas do Sul de Minas: Arquitetura Rural nos séculos XVIII e XIX**. Iphan/ Programa Monumenta. Brasília, DF, 2010.

A regionalização em Minas Gerais: ao centro, as minas; ao longo do São Francisco, a zona curraleira; ao sul, os campos, e, nas extremidades noroeste e nordeste, os sertões, proporcionou grande diversidade nos modelos arquitetônicos rurais, de acordo com as necessidades regionais, sejam elas voltadas para atividades econômicas, pecuária, mineração ou política. (CRUZ, p. 42, 2010)

Nos arredores Ouro Preto como já mencionado antes, região minerária, as fazendas e casas rurais buscavam atender principalmente às necessidades de abastecimento de insumos agropecuários e pouso para viajantes que se aventuravam nas estradas reais.

Essas edificações, em geral, eram inseridas num conjunto em torno do pátio, onde havia a casa sede e demais construções para os serviços na fazenda. Era comum para as sedes, podendo ser térreas ou elevadas, a varanda frontal com capela na lateral externa e um quarto para hóspedes (Figura 14). Nas fazendas elevadas a casa da família era na parte superior e no térreo ficavam os depósitos. O acesso a casa se dava por escadas de pedra nas mais variadas formas, lateral à varanda ou frontalmente. (MENEZES, 1969)

Figura 14 - Fachada fronteira obedecendo ao padrão de varanda frontal e capela lateral, Fazenda Boa Vista, Município de Belo Vale



Fonte: Livro Fazendas Mineiras, Ivo Porto de Menezes, 1969.

A planta possuía partido retangular. O telhado de quatro águas, com galbro no terço inferior e cachorros, não tinha tesoura. Para os pisos eram usadas tábuas largas e colocadas junta seca ou diagonal, em construções onde não havia sótão os forros eram de taquara. Os sistemas construtivos empregados eram principalmente adobe ou pau a pique para as paredes dos pavimentos superiores e/ou internas, o porão e os alicerces eram estruturas de pedra (Figura 15). (TEIXEIRA E MIRANDA, p. 11, 1987)

Figura 15 - Fachada frontal da sede de dois pavimentos e escadaria de pedra, Fazenda dos Martins, Município de Brumadinho



Fonte: Monografia Arquitetura Rural: Um Exemplar Mineiro, 1987.

Em Glaura são identificadas pelo menos três exemplos das fazendas mineiras, duas datam do século XVIII: a Fazenda Ana de Sá (Figura 16) na comunidade homônima, funcionava como armazém e hospedagem de tropas; A Fazenda Braço Livre (Figura 17), encontra-se em ruínas, localizada próxima a estrada de acesso a Glaura é cercada por muros de pedra. A terceira, Fazenda Bandeirinha, será estudada mais a fundo no próximo capítulo, a única com dois pavimentos.

Figura 16 - Sede da Fazenda Ana de Sá



Fonte: Bernardo Andrade para a Prefeitura de Ouro Preto, 2008.

Figura 17- Conjunto das ruínas da Fazenda Braço Livre



Fonte: Elisângela R. Silva para a Prefeitura de Ouro Preto, 2008.

O mais usual é encontrar em Casa Branca casas térreas, seja no centro ou nas fazendas, podendo ter ou não varanda e estar afastada do chão, mas não ter porão. A título de comparação, nas proximidades da Fazenda Bandeirinha, a que mais se assemelhava a ela era a antiga residência da família Ferreira na rua da Praia (Prainha), era uma casa no estilo colonial, com paredes de pau a pique e porão de pedra alto (Figura 18), o acesso a porta de entrada dava-se por escada de pedra lateral à parede, em 2007 a casa ruiu visto que os proprietários não tinham condição de restaurá-la.

Figura 18 - Antiga residência da família Ferreira



Fonte: Arquivo pessoal, família Ferreira.

Outra residência de volumetria semelhante é no centro de Glaura, casa de dois pavimentos na rua Manoel dos Santos Nazaré (rua das Flores), reformada nos últimos anos conserva algumas de suas características.

Figura 19 - Casarão na rua Manoel dos Santos Nazaré em Glaura



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

3 - A FAZENDA BANDEIRINHA

3.1 - Breve histórico

Teixeira e Miranda (1987) justificam o surgimento de pequenas fazendas nos arredores de Ouro Preto como meio de prover o abastecimento de suprimentos alimentícios para os núcleos urbanos em crescente formação.

A Fazenda Bandeirinha, outrora denominada Fazenda Campo Grande (Figura 20) possuía este título devido aos vastos campos de cerrado que a rodeiam, é uma construção que se destaca no conjunto. Na fazenda era cultivada lavoura de grãos, principalmente milho, e criação de gado. O Inventário de Proteção do Acervo Cultural⁶ cita para suas origens que:

Esse imóvel provavelmente foi construído ainda no início do século XIX, como sugere sua tipologia. Nessa época ela funcionava como uma importante estalagem e rancho de tropeiros e mascates que passavam pela região em direção ao Rio de Janeiro e à Bahia. Porém, não foram encontrados registros sobre seus primeiros proprietários e moradores. (PREFEITURA DE OURO PRETO, 2008)

Figura 20 - Sede da Fazenda Bandeirinha



Fonte: Elisângela R. Silva para a Prefeitura de Ouro Preto, 2008.

Sem saber ao certo dos antigos proprietários, há relatos de que no século XIX a propriedade possa ter pertencido ao Padre Geraldino Xavier, pároco de Glaura. (PREFEITURA DE OURO PRETO, 2008)

Desde a segunda metade do século XX a propriedade pertence à Família de Pedro Cardoso Soares (Figura 21), este a teria arrematado em um leilão e se mudado para as terras. Pedro Cardoso foi casado com Firmina de Matos Soares e tiveram 10 filhos, dois natimortos, sendo sete deles nascidos na própria fazenda. Após o falecimento do patriarca, nos anos de 1980 a propriedade passa a ser de responsabilidade da filha caçula Maria do Carmo Soares (64 anos), que ainda cuida de sua mãe até 1999, quando Firmina morre aos 86 anos.

⁶ Levantamento da Secretaria de Cultura e Patrimônio de Ouro Preto que contempla os bens que podem vir a ser objetos de proteção dentro do município, documento de cunho informativo.

Figura 21 - Quadro da família Soares



Fonte: Arquivo pessoal, família Soares.

Os dados históricos sobre o local ainda hoje são imprecisos, seja sobre a comunidade ou sobre o casarão. Nos arredores muros de pedras que demarcam limites entre partes dos terrenos podem ser observados (Figuras 22 e 23), seriam esses, juntamente com a Fazenda Bandeirinha, possíveis indícios para a datação do povoado, além de histórias orais que os moradores contam, sejam elas fantasiosas ou não.

Figuras 22 e 23 - Muros de pedras próximo ao casarão.



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2019.

Abre-se um parêntese para citar o registro de inventário onde consta uma família que em 1861 possuía, entre propriedades no Amarante e praça da matriz em Casa Branca, uma casa de morada com quintal em Bandeirinha, Maria Justina Pedrosa ao falecer deixa em testamento seus bens para seus oito filhos. Não há qualquer outra informação sobre qual seria o endereço preciso desta propriedade. (Arquivo da Casa Setecentista do Pilar⁷ *apud* ISOLDI e ISOLDI FILHO, p. 264, 2019)

⁷ Arquivo da Casa Setecentista do Pilar – Ouro Preto – código 110 – autos 1406 – 1864 - 1º Ofício. Devido a atual situação global de pandemia do Covid-19 não foi possível buscar pelo documento original.

3.2 - Descrição e análise

A edificação que aqui será estudada é um complexo (Figura 24), que era formado por uma casa principal, um galpão, paiol, amplo quintal, área de galinheiro e curral, além de áreas de pastagem. O lote é retangular de profundidade maior que a testada, o casarão foi erguido próximo à linha da rua, possuindo afastamento frontal, em ambas laterais e afastamento posterior em maior profundidade. Na entrada havia uma antiga porteira e cercas de madeira que devido ao estado de conservação acabaram por ser substituídas.

Figura 24- Complexo da fazenda com paiol, galinheiro e casa principal.



Fonte: Google Maps, Disponível em:

<<https://www.google.com/maps/@-20.3231272,-43.6300181,405m/data=!3m1!1e3>> Acesso em Ago. de 2019.

A casa principal é uma construção de dois pavimentos, casa sobre porão, de paredes caiadas em cor clara. O telhado (Figuras 25 e 26) tem estrutura de madeiras roliças e telhas cerâmicas do tipo capa canal, possui quatro águas de cumeeira paralela à fachada frontal e beiral com cachorros simples. Para acessar a entrada da casa há uma escadaria de concreto (Figuras 27 e 28), construída sobre o esqueleto da escadaria primária de pedra, que leva para o alpendre em formato de L dando acesso à capelinha (Figura 29) na parte externa da residência e a porta da sala de estar.

Figuras 25 e 26 - Estrutura do telhado e cachorros no beiral da varanda



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2019.

Figuras 27 e 28- Escadaria frontal



Pela lateral ainda é possível ver os blocos de pedra da antiga escadaria.

Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2019.

Figura 29 - Capela



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2019.

São no total 13 cômodos na porção superior da casa, alpendre e capela, sala, copa, cozinha, quatro quartos, mais um quarto duplo, dois banheiros e área de serviço na parte posterior externa da construção. O porão se subdivide em cinco partes, incluindo garagem e despensa.

A edificação por denotar diferentes épocas construtivas, possui diferentes técnicas construtivas. O retângulo central possui paredes de pau a pique (Figura 30) revestidas de argamassa, já na parte posterior cozinha, varanda e capelinha as paredes são de tijolos cerâmicos maciços (Figura 31), a parte mais recente da construção é de tijolos furados, também revestidos e a parte de baixo construída em alvenaria de pedras com revestimento. (Figura 32)

Figura 30 e 31 - Parede de pau a pique e parede de tijolo maciço



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2019.

Figura 32 - Paredes de pedra no porão



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2019.

O piso é em maioria de tabuado (Figuras 33 e 34), possuindo ainda dois cômodos que são com cimento queimado e dois de revestimento cerâmico (Figuras 35 e 36), o porão é um piso grosso de concreto.

Figuras 33 e 34 - Piso de tábua e estrutura



Piso de madeira e estrutura sob o piso.

Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Figura 35 e 36 - Piso de cimento queimado na cozinha e cerâmica no quarto cinco



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Os forros de taquara se conservaram na maioria dos cômodos (Figura 37), com exceção de dois quartos, um trocado por forro de madeira de pinus (Figura 38) e outro por pvc. Os banheiros são de laje.

Figuras 37 e 38 - Forro de taquara no quarto três e forro de pinus no quarto dois



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2019.

As esquadrias de madeira, são modelo uma folha cega de abrir são pintadas em cor marrom (Figura 39 e 40). As esquadrias da parte posterior da casa são de material metálico e vidros (Figura 41).

Figuras 39, 40 e 41 - Janela e porta de madeira e janela quarto cinco



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2019

3.2.1 - Alterações mais significativas da edificação

Ao analisar a planta⁸ é possível perceber as alterações que a edificação foi sofrendo de acordo com as necessidades da família. Diferentes métodos e materiais construtivos são empregados e assim uma datação pode ser feita.

Maria do Carmo conta que sua primeira lembrança é de uma grande reforma feita na casa, por seu pai, quando ela e seus irmãos ainda eram pequenos, segundo a proprietária na ocasião o telhado e paredes foram reconstituídos.

Nos anos seguintes, década de 70, foram adicionados a parte posterior da construção, cozinha, banheiro, e área de serviço, além da varanda, capela e a escadaria de concreto na lateral esquerda. De acordo com Maria do Carmo a cozinha chegou a ter piso de tábuas, mas depois de pegar fogo ele foi substituído por cimento queimado.

No fim da década de 90 o telhado da casa estava com inúmeras goteiras e o quarto quatro foi reformado para acomodar dona Firmina, já enferma, entretanto ela não chegou a usar o quarto. Quando a família estava para ganhar mais um membro, a neta de Maria do Carmo nasceria em 2018, o cômodo recebeu novas alterações para melhor conforto da mãe e bebê.

O galpão/garagem (Figura 42) que existia anexo à casa possivelmente data da mesma época das adições feitas em meados de 1970, media nove metros e meio de testada, este foi demolido após seu telhado vir a ruir entre 2012 e 2014. No mesmo espaço que ocupava o galpão foram erguidos pilares para uma nova obra (Figura 43), mas o projeto está parado há alguns anos.

Figuras 42 e 43 - Galpão anexo ao lado direito da casa e substituído pela estrutura de concreto



Fonte: Elisângela R. Silva para a Prefeitura de Ouro Preto, 2008

⁸ Ver planta falada.

Por fim, a última modificação no complexo, talvez a mais drástica devido a sua dimensão em relação à casa, foi a construção de uma torre para colocação de caixa d'água com maior capacidade (Figura 44), possuindo três pisos e mais de oito metros de altura, instalada anexo à área de serviço a torre chama atenção mesmo à distância, e destoa do conjunto por seus materiais construtivos empregados.

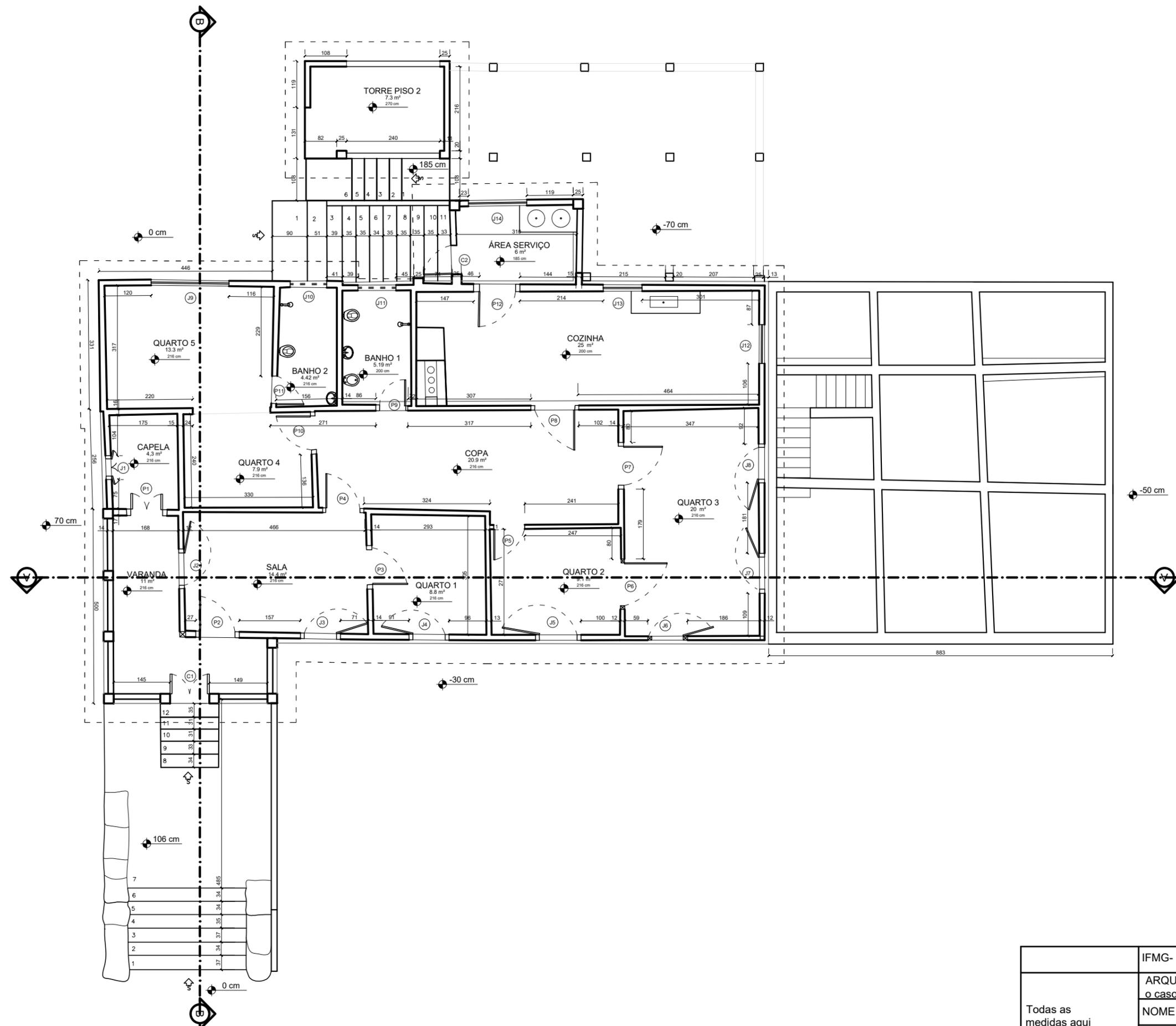
Figura 44 - Torre da caixa d'água



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2019

Nesse período a fachada principal permanece como a única constante das características primárias, entretanto mostra sinais de que necessita de específicos cuidados para a sua conservação.

3.3 - Levantamento arquitetônico

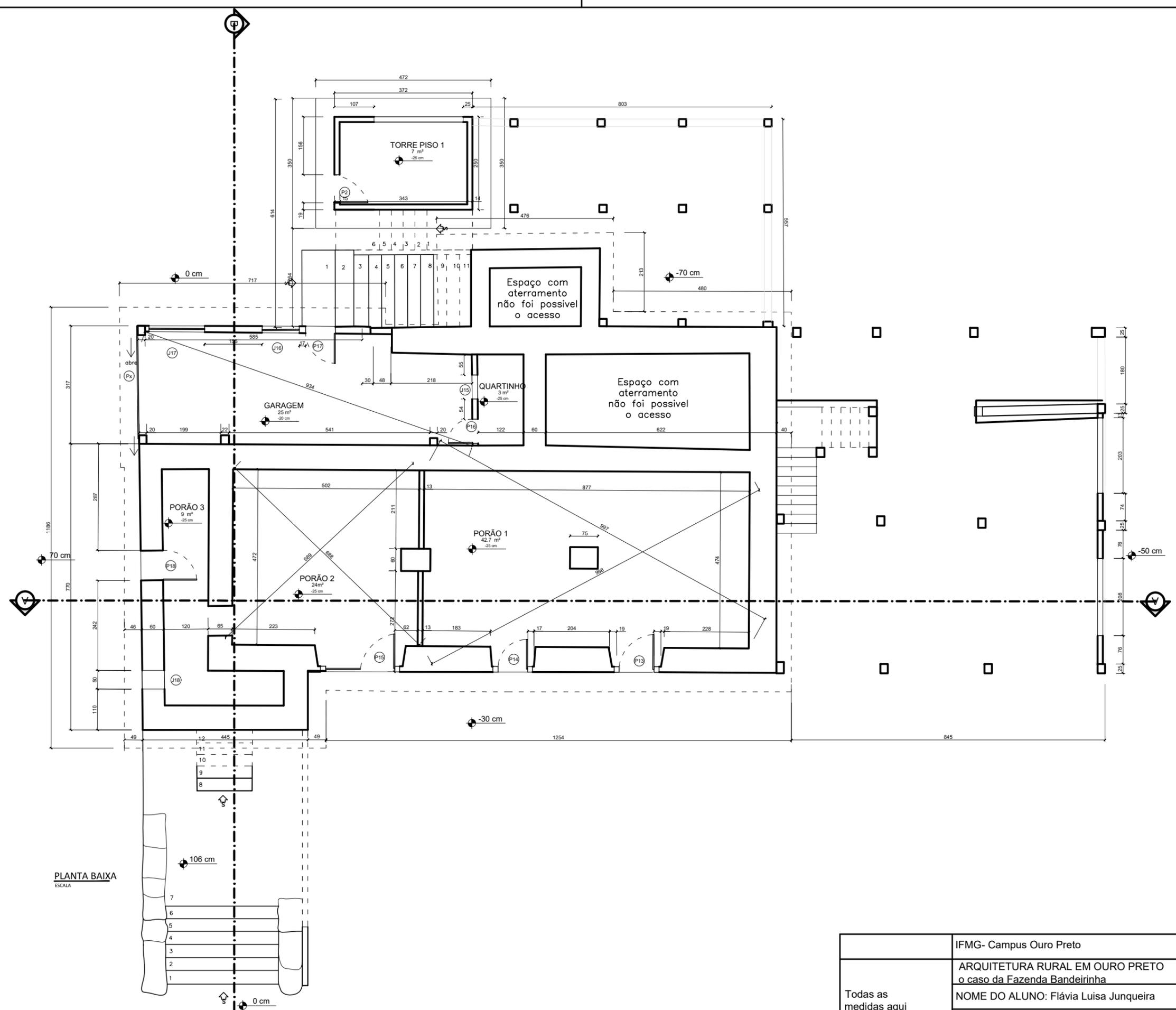


QUADRO DE ESQUADRIAS			
JANELAS	VÃO	LARGURA	PEITORIL
J1	112	45	82
J2	160	83	93
J3	160	83	93
J4	160	83	94
J5	160	94	92
J6	160	81	90
J7	160	82	88
J8	160	82	90
J9	150	200	120
J10	58	93	174
J11	58	98	148
J12	80	100	106
J13	80	100	120
J14	200	150	100
J15	50	65	90
J16	80	100	100
J17	180	150	50
J18	40	50	100

QUADRO DE ESQUADRIAS		
PORTAS	ALTURA	LARGURA
P1	210	80
P2	255	90
P3	255	90
P4	255	88
P5	210	80
P6	250	110
P7	250	100
P8	285	103
P9	195	67
P10	260	87
P11	210	70
P12	220	93
P13	205	90
P14	203	80
P15	206	186
P16	200	65
P17	210	80
P18	200	80
Px	230	290
C1	85	100
C2	95	73

Planta Baixa Pavimento 1
 Escala: 1/100
 350 m²

Todas as medidas aqui utilizadas estão em cm (centímetros)	IFMG- Campus Ouro Preto			
	ARQUITETURA RURAL EM OURO PRETO			
	o caso da Fazenda Bandeirinha			
	NOME DO ALUNO: Flávia Luisa Junqueira			
CONTÉUDO: Planta baixa pavimento 1				
DATA: 05/07/21	TURMA: TCC	ORIENTADOR: RODRIGO MENICONI	FOLHA: 01/06	



PLANTA BAIXA
ESCALA

Planta Baixa Pavimento 2
Escala: 1/100
350 m²

Todas as medidas aqui utilizadas estão em cm (centímetros)	IFMG- Campus Ouro Preto			
	ARQUITETURA RURAL EM OURO PRETO o caso da Fazenda Bandeirinha			
	NOME DO ALUNO: Flávia Luisa Junqueira			
	CONTEUDO: Planta baixa pavimento 2			
	DATA: 05/07/21	TURMA: TCC	ORIENTADOR: RODRIGO MENICONI	FOLHA: 02/06

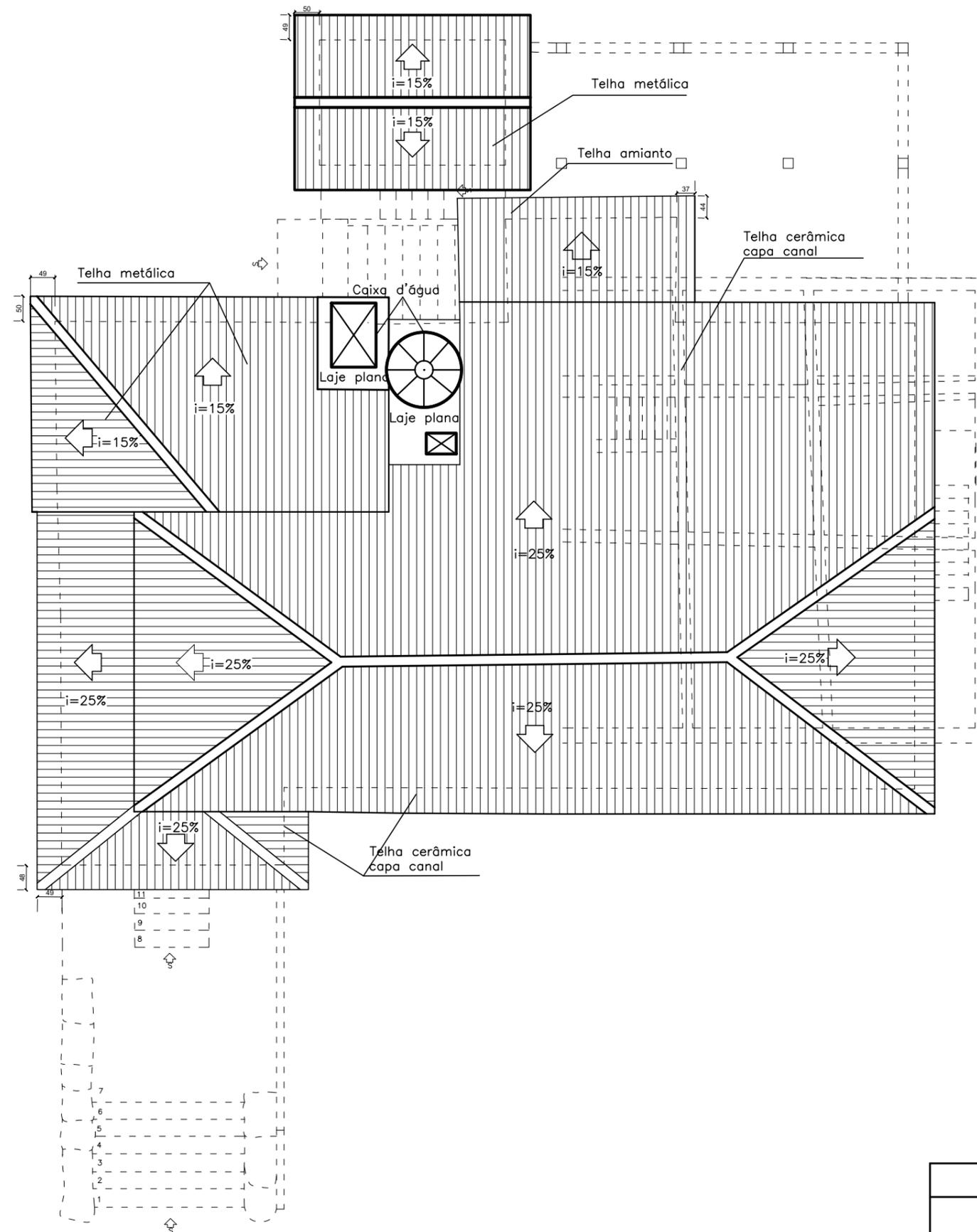
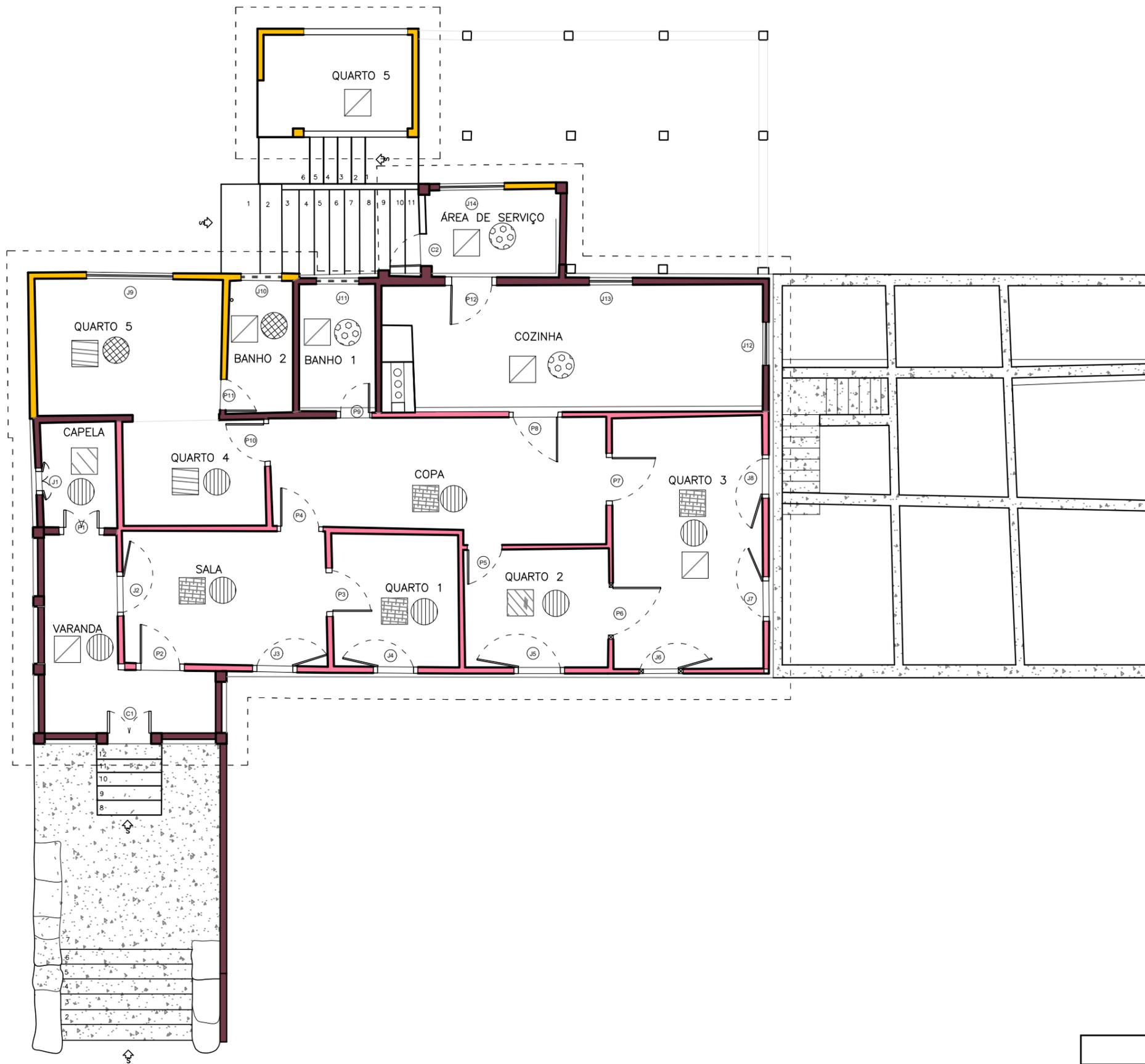



Diagrama de Cobertura
 Escala: 1/100
 220 m²

Todas as medidas aqui utilizadas estão em cm (centímetros)	IFMG- Campus Ouro Preto			
	ARQUITETURA RURAL EM OURO PRETO			
	o caso da Fazenda Bandeirinha			
	NOME DO ALUNO: Flávia Luisa Junqueira			
	CONTEÚDO: Planta de cobertura			
DATA: 05/07/21	TURMA: TCC	ORIENTADOR: RODRIGO MENICONI	FOLHA: 03/06	

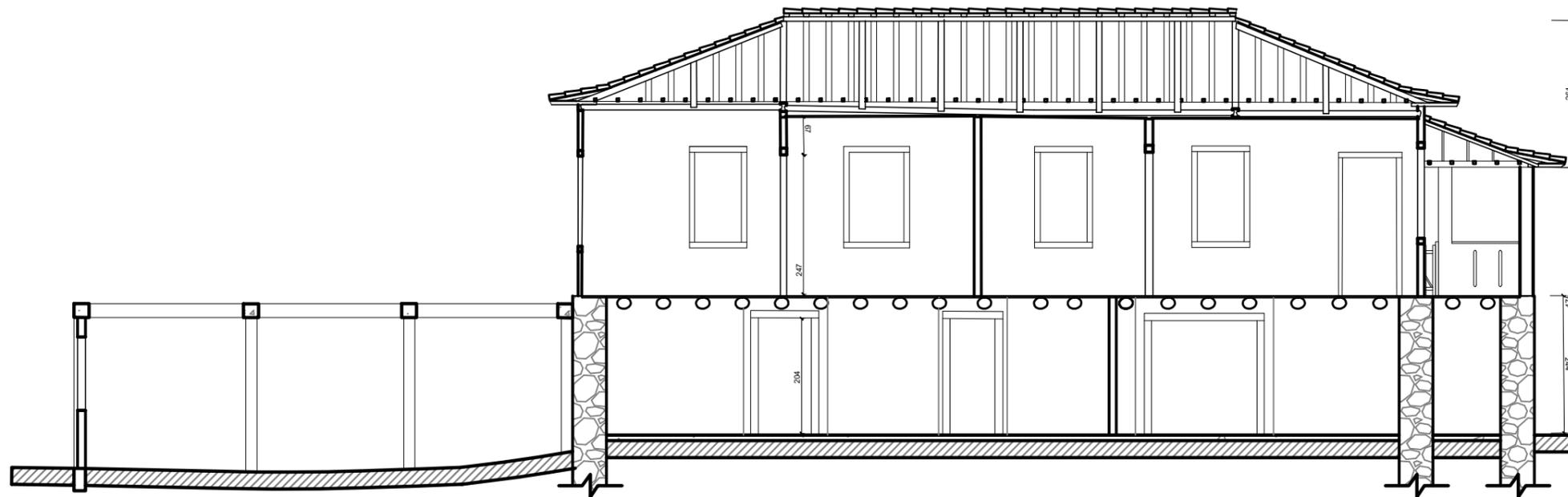


Planta Falada

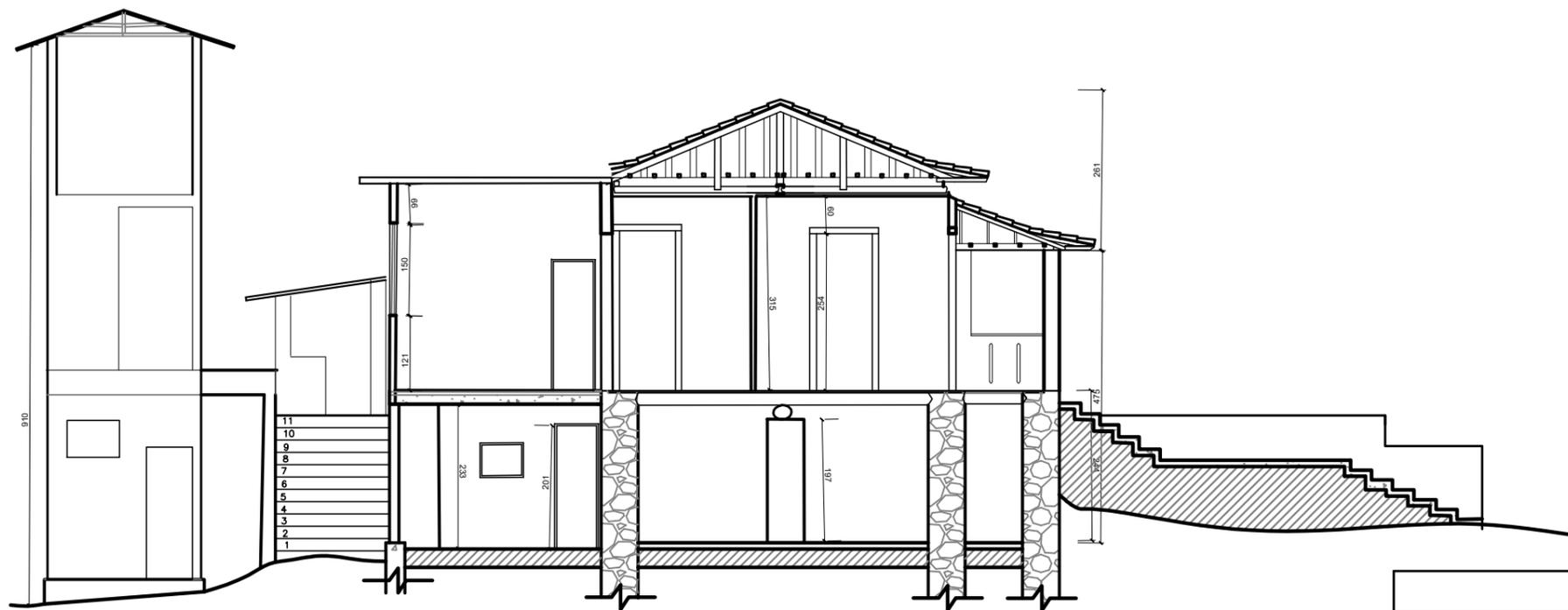
LEGENDA	DESCRIÇÃO
	Piso assoalho
	Piso cimento queimado
	Piso cêramica
	Forro taquara
	Forro tábua corrida
	Forro tábua de pinus
	Forro de pvc
	Sem forro
	Parede de pau a pique
	Parede de tijolos maços
	Parede de tjos furados
	Concreto

Planta Falada Pavimento 1
Escala: 1/100
350 m²

Todas as medidas aqui utilizadas estão em cm (centímetros)	IFMG- Campus Ouro Preto			
	ARQUITETURA RURAL EM OURO PRETO o caso da Fazenda Bandeirinha			
	NOME DO ALUNO: Flávia Luisa Junqueira			
	CONTEUDO: Planta falada pavimento 1			
DATA: 05/07/21	TURMA: TCC	ORIENTADOR: RODRIGO MENICONI	FOLHA: 04/06	

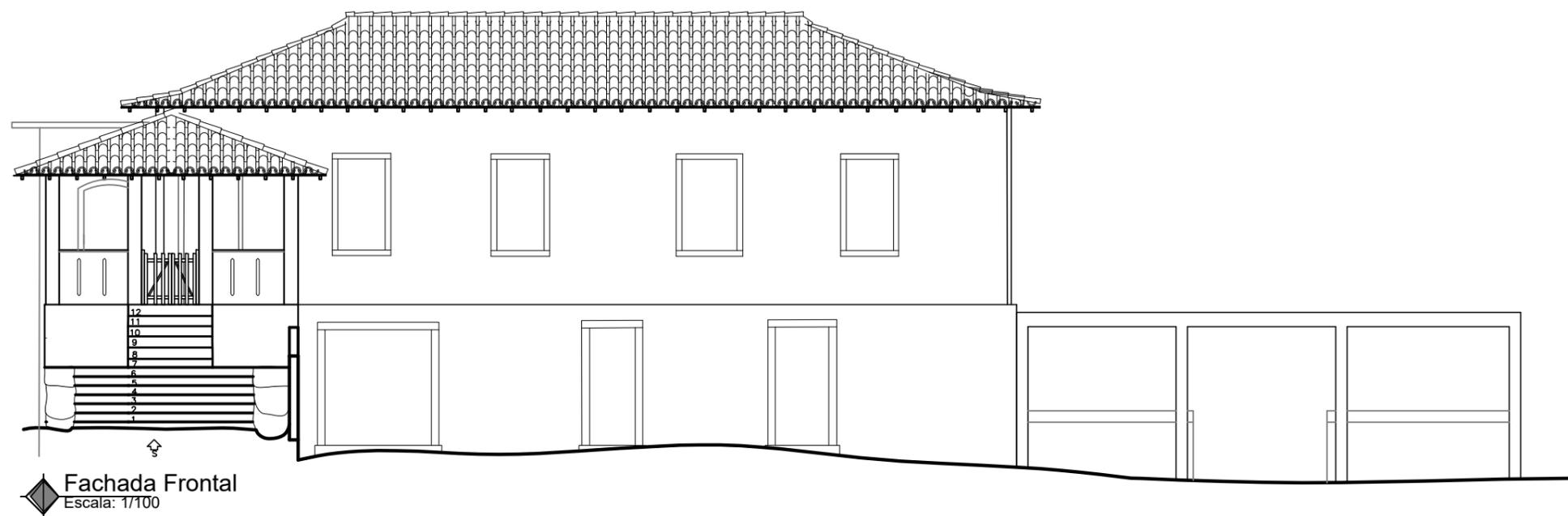



Corte AA
 Escala: 1/100




Corte BB
 Escala: 1/100

Todas as medidas aqui utilizadas estão em cm (centímetros)	IFMG- Campus Ouro Preto		
	ARQUITETURA RURAL EM OURO PRETO		
	o caso da Fazenda Bandeirinha		
	NOME DO ALUNO: Flávia Luisa Junqueira		
	CONTÉUDO: Corte AA // Corte BB		
DATA: 05/07/21	TURMA: TCC	ORIENTADOR: RODRIGO MENICONI	FOLHA: 05/06




Fachada Frontal
 Escala: 1/100

	IFMG- Campus Ouro Preto		
	ARQUITETURA RURAL EM OURO PRETO o caso da Fazenda Bandeirinha		
	NOME DO ALUNO: Flávia Luisa Junqueira		
Todas as medidas aqui utilizadas estão em cm (centímetros)	CONTEÚDO: Fachada frontal		
	DATA: 05/07/21	TURMA: TCC	ORIENTADOR: RODRIGO MENICONI
			FOLHA: 06/06

3.4 - Relatório do estado de conservação

O atual estado de conservação da fazenda varia entre razoável e precário. Como permanece em uso, os proprietários realizam pequenas intervenções com intuito curativo, a fim de amenizar os danos. Em vistoria foram constatadas inúmeras patologias em nível estrutural e estético, algumas precisam de atenção com urgência.

As peças de madeira tanto do piso como da estrutura do telhado estão sofrendo com infestação de xilófagos e desgastes devido ao tempo de uso, tornando-se frágeis.

Figuras 45, 46 e 47 - Piso tabuado com sinais de ataque de xilófagos e manchas



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Figuras 48 e 49 - Madeiramento do telhado com avarias



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

A parede de pau a pique, principalmente sob as janelas na parte externa e interna estão perdendo a estrutura, primeiro o reboco se desprende e depois o enchimento de argila.

Figuras 50, 51 e 52 - Patologias nas paredes de pau a pique



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Um vício de construção é o preenchimento dessas lacunas com massa à base de cimento, técnica incompatível.

Figura 53 - Uso de argamassa de cimento em alvenaria de pau a pique



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Trincas e fissuras aparecem em quinas e paredes de pau a pique.

Figuras 54 e 55 - Trincas na parede e pau a pique



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

As paredes em alvenaria de pedra apresentam orifícios e perda da camada de argamassa.

Figuras 56 e 57 - Perda do revestimento na parte externa da alvenaria de pedra.



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Os forros de taquara estão abaulados e com apodrecimento que causam orifícios em sua trama, em dois dos quartos foram substituídos. Os forros caídos de branco estão desgastados.

Figuras 58 e 59 - Forro de taquara abaulado e com sinais de apodrecimento



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Figura 60 - Forro de taquara com avarias



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

A pintura das paredes internas e externas apresentam avarias, craquelamento, e sujidades, a parede da cozinha, próximo ao fogão à lenha, está impregnada de fuligem.

Figuras 61, 62 e 63 - Patologias na camada pictórica da parede



Craquelamento, fuligem impregnada e sujidades.

Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

As esquadrias de madeira estão com pintura queimadas de sol, ataque biológico e enxertos.

Figuras 64, 65, 66 e 67 - Esquadrias de madeira



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Os pisos de cimento queimado, cozinha e banheiro, estão bastante desgastados, no banheiro há ainda infiltrações pelo uso do chuveiro.

Figuras 68 e 69 - Desgaste do piso de cimento queimado



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Sob os vãos das esquadrias é possível observar ainda manchas de escurimento provenientes da água de chuva.

Figuras 70 e 71 - Manchas de escurimento



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Nas fachadas, tem-se os danos estéticos causados pelas alterações e acréscimos feitos ao longo dos anos, que descaracterizaram a tipologia arquitetônica apresentada na fachada frontal.

Figura 72 - Fachada lateral direita



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Figura 73 - Fachada lateral esquerda



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

Figura 74 - Fachada posterior



Fonte: Flávia Luisa Junqueira, 2021.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser Ouro Preto sempre lembrada como cidade histórica, seu conjunto arquitetônico se mantém preservado, são lembrados em especial as igrejas e capelas importantes do período barroco e rococó, entretanto, pela periferia e áreas rurais do município a preservação de certas construções deixam a desejar, encaminhando-se ao arruinamento.

O que levou à escolha da Fazenda Bandeirinha como objeto desse estudo, além da amizade com a família, foi a evidente necessidade de cuidados para com o bem e a falta de subsídios para sua proteção. Sem dúvidas esse tipo de arquitetura rural merece mais estudos, por fazer parte das origens dos povoados que nasceram no entorno dessas fazendas outrora produtivas, traz memórias de toda uma comunidade e desse modo zelar e transmitir essas memórias é um esforço conjunto.

Chama atenção nesse caso o fato de que a estética e volumetria foram comprometidas por modificações feitas inadvertidamente pelos proprietários, provocando eminente descaracterização e as degradações em consequência da passagem do tempo é um fator que se soma.

A prefeitura realizou entre 2006 e 2012 levantamentos de bens passíveis de proteção, a Fazenda Bandeirinha integra essa listagem que inclui bens arquitetônicos, integrados e naturais em todos os distritos e na sede, mas a listagem se encontra desatualizada, constando ainda endereços de imóveis que já se perderam. Projetos como esse auxiliam na identificação de imóveis em risco e posterior medidas de proteção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOHRER, Alex Fernandes. **Ouro Preto Um Novo Olhar**. Scortecci Editora História. 192 páginas. 1ª edição - 2011.
- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 4.ed. - São Paulo: Edição Liberdade: UNESP, 2011.
- CRUZ, Cícero Ferraz. **Fazendas do Sul de Minas: Arquitetura Rural nos séculos XVIII e XIX**. Iphan/ Programa Monumenta. Brasília, DF, 2010.
- ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy e ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. **Algumas Famílias Povoadoras Do Alto Rio Das Velhas: Ferreira Pedrosa, Aguiar, Pereira Lima E Rodrigues Peixoto**. Revista da ASBRAP n.º 26, p. 247-446. 2019. Disponível em <http://www.asbrap.org.br/documentos/revistas/rev_26_2019/k-algumas_familias_povoadoras_do_alto_rio_das_velhas-isoldi.pdf>. Acesso em 24 jun. 2021.
- LEMOS, Padre Afonso de. **Monographia da Freguezia de Cachoeira do Campo**. Revista do Arquivo Público Mineiro. Imprensa Oficial de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1909. Volume VIII.
- MENEZES, Ivo Porto de. **Fazendas mineiras**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 1969.
- OURO PRETO. **LEI COMPLEMENTAR N" 29 DE 28 DE DEZEMBRO DE 2006 Estabelece o Plano Diretor do Município de Ouro Preto**. Ouro Preto, 2006. Disponível em <<https://planodiretor.ouropreto.mg.gov.br/legislacao>>. Acesso em 24 jun. 2021.
- PREFEITURA DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural: Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas**. Fazenda Ana de Sá. Ref.: 8.13.3. Ouro Preto. 2008.
- PREFEITURA DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural: Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas**. Fazenda Bandeirinha. Ref.: 8.13.4. Ouro Preto. 2008.
- PREFEITURA DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural: Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas**. Ruína da Fazenda Braço Livre. Ref.: 10.1. Ouro Preto. 2008.
- RAMOS, Lúcio Fernandes. **Cachoeira do Campo, a Filha Pobre de Ouro Preto**. Editora São Vicente. Belo Horizonte- MG. s.d.
- TEIXEIRA, Denise Thomaz; MIRANDA, Selma Melo. **Arquitetura Rural: Um Exemplo Mineiro**. Ouro Preto: UFOP/IFAC 1987. Não paginado. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Filosofia, Artes e Cultura.
- VASCONCELOS, Diogo de. **História Antiga de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1974, vol.1 e 2.